

**ÉTICA, MORAL E VALORES DO PROFESSOR E DO ALUNO**

**ETHICAL AND MORAL CHALLENGES AMONG TEACHERS' AND STUDENTS'  
VALUES**

Oswaldo DALBERIO Dal Bello<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Doutor em Serviço Social, UNESP (2008); Mestre em Educação, UNICAMP (1990); Filósofo, PUCCAMP, (1985); Professor de Filosofia na Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM. Líder do grupo de pesquisa sobre o trabalho docente e coordenador do Núcleo de Estudos sobre a Formação Ética do Professor, vinculados ao Departamento de Filosofia e Ciências Sociais da UFTM. E-MAIL: prof.dalberio@gmail.com

## RESUMO

Este texto é resultado de estudos e pesquisas realizados durante vários anos sobre a temática ética, e tem por objetivo apresentar os conceitos de ética, moral e valores vinculados à profissão docente. Ética é entendida como uma reflexão sobre os princípios que norteiam o comportamento do homem em sociedade, enquanto a moral, como a maneira pela qual o ser humano age a partir de normas estabelecidas culturalmente para o indivíduo e a comunidade. Assim, ética é teórica e moral é prática. Valores são os princípios que regulamentam a ação humana, isto é, um conjunto de sentidos e significados que é atribuído aos fenômenos, aos objetos, às pessoas e aos acontecimentos presentes na vida do homem. Essa discussão traz à tona os impactos do entendimento da ética e da moral na vida cotidiana do professor, principalmente na relação com seus alunos, bem como o papel da família e da escola na formação dos valores morais. Ao final do texto, são apresentadas diretrizes para que se possa refletir sobre as posturas morais e éticas do ser humano. O homem é um ser que se constitui de sentimentos, de desejos, de emoções e que se socializa, utilizando a razão para elaborar cultura. Para isso, constrói valores e normas de conduta social. Uma dessas condutas acontece na interação professor/aluno, que se estabelece em situações de reflexão sobre os princípios que norteiam o comportamento de ambos numa realidade existencial e social, portanto, na vivência cotidiana da moral.

**Palavras chave:** Ética. Moral. Valores.

## ABSTRACT

This article results of studies and researches undertaken all over years on the theme of Ethics, and its aim is to present the concepts of Ethics, morality and values related to being a teacher. Ethics must be understood as a thinking about the guiding principles for human behavior in society, while morality must be taken as the way human beings act according to culturally established rules for the individual and for the community as a whole. So, Ethics is theoretical, and morality is practical. Values are the principles that guide human action, that is, a set of meanings applied to phenomena, objects, people and happenings in men's everyday life. This debate emphasizes the impacts of understanding Ethics and morality in teacher's everyday life, mainly when it comes to his/her relationships with students, as well as the role played by family and school in shaping moral values. By the end of the article, guidelines for thinking about human moral and ethical behavior are presented. Men are made of feelings, desires, and emotions, and also socialize to others, making up culture by means of reasoning. For so, creates values and rules for social behavior. One of such kind of behavior takes place at teacher/student relationship, stablished in situations for thinking about guiding principles for the behavior of both in a social and existential reality. Therefore, moral everyday living.

**Key words:** Ethics. Morality. Values.

Primeiramente, gostaríamos de indicar como será o caminho intelectual que faremos. Diante de questões complexas como Ética e Moral e, mais que isso, da construção de Valores Humanos, é que nos propomos a fazer algumas reflexões no sentido de contribuir com as discussões em pauta. Faz-se necessário, então, apontar algumas questões de fundo que pretendemos abordar: o que é valor e como ele se constitui para o homem? A ética se estabelece como ponto de partida ou de chegada para o comportamento humano? Como a moral, sendo entendida como a maneira pela qual o ser humano vivencia valores, pode entender seu papel, definindo comportamento pessoal e coletivo? Diante dessas questões, vamos indicar alguns momentos históricos e alguns autores que pensaram e ainda continuam pensando e tentando responder a tais questionamentos.

Vamos trilhar um caminho indicando algumas definições e, a partir delas, trazer algumas compreensões que se pode ter sobre valores. Desde o início dessa discussão, faz-se necessário ter claro o que entendemos por valor, porque se soubermos o que é e como ele se estabelece para o homem e a sociedade, poderemos seguir nosso itinerário intelectual proposto aqui.

Em seguida, abordaremos alguns conceitos e entendimentos da palavra ética. Entendendo suas dimensões e seus limites práticos e teóricos, poderemos adentrar numa ideia que nos permitirá fazer inferências filosóficas. Abordaremos, também, o que é moral e como ela se manifesta na relação entre indivíduos e entre estes e a coletividade, pois, sendo a maneira pela qual o ser humano vive em sociedade, a moral vai estabelecendo os limites do certo, do errado, do válido e do não válido, do permitido e do proibido, do que se pode e do que não se pode fazer, enfim, o que o ser humano faz no dia a dia, pessoal e coletivamente.

E, por fim, apontaremos como no conhecimento realizado pelo homem podem aparecer esses componentes, oferecendo a compreensão de si mesmo, do outro e do mundo para, assim, travar um relacionamento que provoca uma harmonia ou um conflito existencial e social diante dos valores.

Buscando Vazquez (2006, p. 141), encontramos que “Valor não é propriedade dos objetos em si, mas propriedade adquirida graças à sua relação com o homem como ser social”. Isso nos permite dizer que o objeto, a realidade, a situação e os seres com os quais o homem se relaciona adquirem valor quando o ser humano lhes atribui sentido e significado.

Por exemplo, uma cadeira em si não tem valor algum, a não ser de existência. Entretanto, quando o ser humano tem contato com ela e lhe atribui sentido e significado, em outros termos, valor, ele está inserindo no objeto um conjunto valorativo de significados, isto é, o objeto passa a ser importante a partir de um olhar religioso, político, econômico, sentimental. Dessa maneira, podemos entender que o valor pode ser pessoal ou coletivo.

Valores pessoais estão presentes quando o indivíduo atribui a fenômenos, objetos, pessoas, situações e realidades um sentido que lhe faz bem. Nesse caso, o valor parte de dentro do sujeito e vai em direção ao que está sendo valorado. Valores, no sentido coletivo, acontecem quando a cultura, com todos os seus aspectos, oferece ao sujeito a possibilidade de manifestar sentido e significado a tudo que o cerca. Isso significa que está impregnado na consciência humana um conjunto de conhecimentos, um esquema valorativo, construído ao longo de sua vida pessoal e da vida da sociedade. Ele, o sujeito humano, atribui tais características ao mundo que o cerca. Assim, individualmente, quando atribui sentido ou significado ao mundo, à realidade externa, manifesta a ideologia e tudo que ela comporta. Dessa maneira, todo valor que um ser humano atribui a alguma realidade necessariamente é de cunho coletivo, porque dentro dele há vivos e mortos. Então, podemos dizer que todo valor é aceito coletivamente como válido. Pelo fato de o homem ser coletivo, manifesta o passado da humanidade. O homem, individualmente, é a síntese da humanidade.

Diante disso, podemos pensar que, pelo fato de o homem ser coletivo, ele vive na relação para com os outros e, nessa relação, estabelece regras de convivência. Tais regras dizem o que a coletividade aceita como certo ou não. A preocupação em entender essas dimensões que perpassam a interação entre os homens, e em dar nome a elas, é que fez os pensadores atribuírem os nomes de ética, moral e cidadania a determinados comportamentos e manifestações sociais. E, nesse panorama de nomes, buscaram-se também suas manifestações na prática, no sentido de valores atribuídos a tais comportamentos: honestidade, hombridade, certo, errado, justo, injusto, permitido, proibido, caráter, dentre tantos qualificativos pessoais e coletivos.

Assim, ética foi um nome dado a determinados comportamentos, tentando dizer que era a maneira pela qual o homem vivia socialmente. Na Grécia antiga, havia um sentido voltado para as questões de como viver e de como as pessoas poderiam buscar um bem maior. Esse bem perpassava o pessoal e adentrava no coletivo. Isso fazia com que os pensadores

buscassem explicações mais contundentes para manifestar racionalmente o que acontecia e impulsionava cada homem e todos os homens: era a felicidade. O Bem Maior era a felicidade. Todos os seres humanos, indistintamente, buscavam ser felizes. Todo o comportamento social se pautava nesse parâmetro: a felicidade é o Bem Maior. Pensadores como Sócrates, Platão, Aristóteles, dentre outros, manifestavam tais ideias como necessidade humana. Obviamente que, neste aspecto, falavam de prazer, de alegria, de bem-estar, de bom, de bem, de justiça enfim, viam o lado positivo do comportamento humano. Podemos verificar aí que não havia uma distinção precisa, clara entre moral e ética. Só mais tarde é que essa preocupação se instalou.

No período medieval, constatamos uma preocupação com relação ao entendimento de como os seres humanos se relacionavam do ponto de vista dessa discussão. Nesse sentido, a maneira como as pessoas interagiam socialmente era pautada pelos valores religiosos e a ética ainda era entendida assim. Os seres humanos viviam aspectos de certo, errado, justo, injusto, válido e inválido, tendo como parâmetro os ensinamentos religiosos. Agostinho foi um dos grandes pensadores a contribuir para definir tais valores. Ele, gênio como era, fez a síntese do cristianismo inspirado em Platão. Dessa maneira, Agostinho trouxe para a era medieval ensinamentos platônicos e os cristianizou. Em outras palavras, sistematizou brilhantemente as ideias sobre o homem e o mundo. Obviamente, dando o seu toque religioso! Assim, os seres humanos se relacionavam pautados por valores considerados como certos e errados do ponto de vista da religião cristã. O modo de viver, então, em sentido pessoal, era saber o que a religião cristã permitia. Isto é, viver o bem e desprezar o mal. O Bem era viver segundo os ensinamentos religiosos, viver o Mal era contrário a essa perspectiva. Dessa maneira, então, entendemos que ética era ainda entendida como modo de viver, de ser, de agir pessoalmente e coletivamente segundo aquelas normas culturais.

Essa discussão, sobre o que é a ética e o que é a moral, vai em direção ao período moderno, em que pensadores também se debruçaram sobre essa tarefa. Vários conceitos foram esboçados, mas todos eles ainda ficavam no mesmo sentido grego: modo de viver e de ser coletivo. Só que agora, com um adendo importante, o homem é um ser racional e, por isso, pode compreender como vive, como age, como os significados e sentidos da realidade são estabelecidos. Não mais por vontade divina, mas pela coletividade, pela cultura. A filosofia contribui para essa discussão, quando aponta que o homem é um ser imerso na realidade e,

enquanto tal, deve viver no mundo com o olhar para o mundo e não mais para as dimensões espirituais apregoadas pela religião em períodos antecedentes. A ética, assim, passa a ser um conceito diferenciado, pois traz o homem para a sua realidade, mas ainda inspirado e localizado no seu mundo pessoal do dia a dia. A vivência cotidiana e sua organização valorativa têm um conjunto de significados atribuídos pela cultura. A cultura vai dizendo como o ser humano deve viver. Então, a ética passa a ser um ponto de reflexão para compreender o homem como centro das discussões e não mais como um ser fora desse mundo. Vários pensadores fazem parte desse momento, dentre eles, podemos destacar Descartes, por exemplo, com sua dúvida metódica, isto é, com raciocínios sequenciais e metodicamente hierarquizados que vão da particularidade para a complexidade. Assim, nesse aspecto, o homem compreende a si mesmo e ao mundo que o cerca.

Na contemporaneidade, também, essa discussão foi importante. Nesse período, pensadores queriam compreender o homem enquanto um ser, fazendo parte de um contexto social e vivendo nele suas contendas. Isso quer dizer que vários pensadores atribuíram à ética um sentido de vivência social, relacionamentos estabelecidos por uma força social que aqui poderíamos chamar de ideologia. Essa força planejava maneiras para o homem estar no mundo e com os outros. No final do século XX, vamos nos deparar com pensadores que traziam essa discussão para o homem e não mais para o social. Obviamente, o ponto de referência ainda era o homem inserido num contexto. Isso quer dizer que o homem tem que ter consciência do que acontece com ele e de que todas as suas escolhas valorativas têm consequências pessoais e coletivas. Tudo o que um ser humano faz tem impacto, necessariamente, nos outros seres humanos e no meio onde ele está inserido. A ética, então, começa a delinear outra perspectiva: a de entender que há duas vertentes, uma que é abstrata e outra que é real. Hegel, por exemplo, diz que as ideias mudam o mundo, Marx, pelo contrário, diz que a realidade muda a ideia. Sartre diz que o homem é responsável pelos seus atos. Isso significa uma preocupação com aquilo que o homem vive no dia a dia.

Se as ideias mudam a realidade, então temos que entender que, no sentido ético, o homem aprende valores no seu processo de conhecimento durante a vida e vai viver conforme as ideias dos outros que lhe disseram como viver. Mas, também, quando ele vai viver no seu mundo e adquire uma autonomia de pensamento e de ação, a realidade vem mostrando que suas ideias devem mudar. Caso contrário, viverá em conflito constante, pois o que lhe é

ensinado não corresponde à realidade. Mas, por outro lado, se o ser humano é responsável pelos seus atos, ele está inserido num contexto que vai permitir a ele agir de determinadas maneiras e todas as suas escolhas têm consequências. Isto é, a realidade e as ideias de realidade ou de comportamento são construídas tanto pelo sujeito individual quanto coletivamente. A ética, então, desse ponto de vista, reside sobre dois pontos: a teoria e a prática. Se entre as duas há uma dicotomia, então se faz necessário compreender o que é a ética e o que é a moral.

Estudando esse panorama, Adolfo Sanchez Vazquez, chileno, que viveu de 1915 até 2011, traz contribuições significativas para resolver esse dilema epistemológico. Ele nos diz que a discussão sobre ética e moral precisa ser clarificada e definida de uma vez por todas para que possamos evidenciar nosso modo de viver e de julgar. Em seu livro *Ética*, indica definições elaboradas a partir de seus estudos no viés marxista. Para Vazquez, a percepção de mundo de Marx esclarece e indica que “Ética é a teoria ou ciência do comportamento do homem em sociedade” (VAZQUEZ, 2006, p.23). Isso quer dizer que a ética, desse ponto de vista, é teórica, é filosófica. Não está diretamente vinculada à prática, mas contribui para compreender os princípios, ou seja, os valores que norteiam o comportamento do ser humano, individual e coletivamente. Aqui, Vazquez nos dá a chave para compreender de maneira clara que a ética é teórica. Se ética é filosofia, então o que é a moral? A partir desse autor, vamos tecer algumas considerações sobre a moral e como ela se manifesta individual e coletivamente.

Se a Ética é teórica, a Moral é, segundo Vazquez (2006), prática. É na vivência cotidiana que a moral se estabelece. É a moral que permite ao ser humano estabelecer normas e regras de convivência. Tais normas vão sendo construídas culturalmente, porque o homem, na interação com os outros, age de maneira a manifestar seus valores. Conforme dissemos no início dessa discussão, valor é sentido e significado atribuídos. Assim, podemos entender que o homem significa a realidade ao seu redor. Não somente a realidade, mas os fenômenos, os acontecimentos, as pessoas, os objetos e, mais que isso, a interação social. A Moral, então, assume a característica de regular o comportamento humano. O modo de viver, portanto, é definido pela organização de códigos. Diferentemente da ética, a moral está preocupada em regulamentar e mostrar como o homem vive nas suas inter-relações a partir de um conjunto de valores.

Moral significa costumes ou regras que determinam a vida. A partir da valoração que o homem atribui à realidade, ele, conjuntamente, com os outros, define como é a vida, não somente a sua, mas a de todos os outros seres vivos. A moral indica normas e valores que orientam a vida do homem numa sociedade, numa cultura. A moral busca distinguir o certo do errado, o justo do injusto, o permitido do proibido, o bem do mal. Daí, pode-se entender que, a moral é a parte da filosofia que diz respeito ao bem e ao mal no sentido prático da vivência. Segundo Vazquez (2006), a doutrina fornece normas para a conduta do homem em sociedade. Esse autor diz que

Moral é um sistema de normas, princípios e valores, segundo o qual são regulamentadas as relações mútuas entre os indivíduos ou entre estes e a comunidade, de tal maneira que estas normas, dotadas de um caráter histórico e social, sejam acatadas livre e conscientemente, por uma convicção íntima, e não de uma maneira mecânica, externa ou impessoal. (VAZQUEZ, 2006, p.84).

Se ética diz respeito à compreensão dos princípios que norteiam o comportamento do homem em sociedade e moral à maneira pela qual o homem vive em sociedade, então podemos dizer que ética é teoria, filosofia, estudo, pensamento, idéias, enquanto a moral é entendida como modo de viver. Dessa maneira, estão claras as concepções de ambas. Há, diferentemente de outros momentos históricos, uma definição e uma separação dos conceitos. Nos tempos atuais, é conveniente termos essa visão de que o sentido de cada conceito é diferente.

O papel da ética se estabelece por analisar as opções feitas pelas pessoas, bem como é a maneira pela qual se podem avaliar os costumes dos homens na vivência cotidiana. A ética busca questionar os fundamentos da moral, e conseqüentemente, a sua validade para o indivíduo e para a coletividade. A ética também analisa, na ação e na reflexão, como são os conflitos valorativos do cotidiano. Dessa maneira, a ética passa a assumir papel fundamental para compreender as interações humanas, isso porque o ser humano tem uma conduta pessoal e coletiva e se faz necessário visualizá-la na concretude da sua vivência.

Quanto às condutas morais do ser humano, entendemos que elas requerem que a pessoa seja consciente, que conheça a diferença entre o bem e o mal, o certo e o errado, o que se pode e o que não se pode fazer, a virtude e o vício, os direitos e os deveres. Para isso, faz-se necessário discutir, estudar e elaborar conhecimentos que permitam ter essa clareza. Assim, a consciência da moralidade se faz pelo estudo dos valores atribuídos culturalmente. Nesse

sentido, a consciência moral é capaz de julgar o valor dos atos e das condutas e de ter uma ação de acordo com os valores morais. Isso implica que a consciência moral permite ao ser humano ter responsabilidade e assumir todas as consequências das suas escolhas e dos seus atos.

Os requisitos necessários para a pessoa ética são: ter capacidade de reflexão e de reconhecimento da existência do outro, saber que existem outras pessoas na relação ou interação social, isto é, ter consciência de si e dos outros; ter capacidade para dominar-se, controlar-se e, também, decidir e deliberar entre alternativas. Entram aqui as vontades, os desejos, os sentimentos, os ímpetos dentre outros aspectos próprios do ser humano. Os aspectos apontados - capacidade de reflexão e de ter domínio - significam que é preciso ser responsável e assumir as consequências dos seus atos, ser livre, determinar-se, fazer suas regras de conduta, desde que estejam em conformidade com a cultura vigente.

Na sociedade e na cultura, o ser humano pode ter comportamentos que expressem atitudes passivas ou ativas. Ter uma atitude passiva significa dizer que uma pessoa deixa-se governar por impulsos, inclinações e paixões, e não mede as consequências dos seus atos em relação aos outros. Esquece que é um ser social e que depende direta ou indiretamente de todos os outros. E, mais que isso, que tudo que ela é vem da história da humanidade em todos os sentidos - físicos, psicológicos, espirituais, racionais - enfim, é um ser humano síntese da história humana.

Por outro lado, a atitude ativa manifesta-se quando a pessoa controla seus impulsos, suas inclinações e paixões, questionando o sentido dos valores e dos fins estabelecidos; avalia suas ações diante das regras de conduta; age conscientemente; respeita os outros; é responsável e autônoma. Isso quer dizer que o ser humano sabe o que faz, por qual motivo faz e tem plena capacidade de escolha diante dos vários valores apresentados, sejam eles positivos ou negativos.

### **A relação da moral com a profissão professor**

Abordamos até esse ponto a questão das definições de ética e moral na tentativa de mostrar como elas se estabelecem na vida e na atuação do ser humano. A partir desse momento, vamos continuar nosso itinerário indicando quais os impactos que ambas tem na

atuação do professor, visto que essa profissão é importante, principalmente no que diz respeito à formação de opinião e de atitudes de gerações inteiras. Entendemos que se o professor, em seu labor diário, tiver oportunidade de visualizar claramente que sua atuação é baseada em valores construídos culturalmente e que sua ação é fundamentada por tais valores, então poderá fazer um trabalho mais eficiente no que se refere à formação de pessoas.

Portanto, diante desse panorama de discussão, estamos tentando dizer que o papel do professor é bastante complexo, porque sua responsabilidade profissional se manifesta no fato de, enquanto ser humano, com esse conjunto de valores, ao mesmo tempo ainda possuir atitude de ensinante e estar na relação para com outros conjuntos de valores.

O desafio é assaz grande! O professor é formado de uma maneira, numa época específica e, quando assume a sua função de professor, encontra inevitavelmente alunos que vêm de outra geração. Alguns dizem que há um conflito de valores. Acreditamos que há um movimento de contraposição de valores entre gerações. Uma mudança de valores está se estabelecendo nessa convivência entre professor e aluno. Aqui, cabem algumas indagações: como formar o professor para o tempo do seu trabalho e não para o seu tempo de formação? Como preparar adequadamente o professor para lidar com essa mudança de valores? Os valores dos adultos são piores ou melhores do que os das novas gerações? Os valores dos jovens devem permanecer em contraposição aos dos seus professores?

Nesse ponto da discussão, apresentam-se muitos desafios: um deles, e não é o menos importante, são as ideias do sistema social, em que a família, ocupada em buscar seu sustento, sua sobrevivência, delega à escola a função de formação integral das crianças e dos jovens. Isso significa que o professor é responsabilizado pela família por ensinar não apenas conteúdos acadêmicos, mas também conteúdos de valores morais. Em muitos casos, as famílias cobram dos professores essa tarefa e, por outro lado, os professores cobram das famílias essa tarefa. Esse desafio na formação de valores aceitos e divulgados socialmente como certos e errados passa por um processo de crise. Quem são os responsáveis por essa tarefa? Nesse jogo de responsabilizações, a criança vai se constituindo sem parâmetros, ou com parâmetros que escapam aos valores da família e dos professores. Entendemos que a responsabilidade aqui começa na família e continua na escola, com os professores.

Ainda sobre esse desafio, entendemos que a escola sozinha não tem como dar conta dessa tarefa, pois sua estrutura interna e externa não consegue lidar com esse conflito:

crianças sem limites, professores formados para outra época e a sociedade cobrando pessoas bem formadas. Isso significa que, nesse patamar de compreensão, a escola tem seus limitantes e o mais importante é o tempo que os professores ficam com os alunos. Esse agravante se conjuga com a formação dos professores. A sua formação é realizada em uma época diferente da dos seus alunos. Nesse sentido, cabe ao professor se desdobrar para rever seus valores, seus princípios, de maneira que sua relação para com o aluno seja a de conduzi-lo não apenas aos conteúdos acadêmicos, mas também aos conteúdos de valores morais. Aí aparece a pergunta: como o professor, no seu trabalho, dispõe de condições e de tempo para viabilizar tal tarefa? Acreditamos que essa tarefa seja difícil. Imprimir valores morais de comportamento considerados socialmente nas crianças e nos jovens torna-se uma tarefa assaz pesada. Há um conflito de gerações instalado. Outra questão que surge: o professor tem condições de fazer esse exercício de formação moral?

Outro desafio é oferecer consciência moral para pessoas que não trazem de casa ou da família o mínimo de pré-requisitos para isso. A realidade familiar, como foi indicada acima, pode não favorecer a construção de valores morais seguindo os ditames culturais de certo e de errado. Nesse caso, a criança colocada nesse contexto vai construindo o que lhe parece melhor, sem parâmetro dos adultos. E quando vai para a escola, encontra situações que lhe exigem posturas dos padrões sociais de valores. Nesse momento, instala-se o conflito, porque a criança deve agir de tal maneira que não seja um problema para a ordem estabelecida, mas ela não detém tais requisitos. A escola, melhor dizendo, os professores, exigem da criança comportamentos, mas ela não sabe como agir, porque não traz da família, do seu ambiente vivencial, aquilo que é exigido. Aí aparece o que foi mencionado acima, a responsabilização atribuída pelos professores aos pais e pelos pais aos professores. Enquanto isso, a criança vai se constituindo como objeto e não como sujeito social.

O intento deste trabalho é o de apresentar ideias sobre ética, moral e cidadania vinculadas à profissão do professor. Nossa intenção, aqui, foi a de indicar indagações e contribuir no sentido de agigantar mais ainda as questões e de apontar quais são os desafios do conhecimento humano no sentido ético. Nesse viés, se entendermos que ética é teoria e que moral é prática, compreenderemos que o papel do professor é o de fornecer um conjunto de alternativas teóricas e práticas. Além disso, oferecer posturas éticas e morais juntamente

com as suas próprias posturas, levando em conta valores de bem, de bom, de certo, de errado, de permitido, de proibido, indicando que são valores sociais e culturais.

O grande desafio, portanto, é o professor demonstrar que é um ser humano que manifesta não somente as suas próprias ideias, mas também aquilo que a humanidade apresentou para ele e, que, agora, ele apresenta para as novas gerações, valores que envolvam a moral e a ética.

Dando sequência a essa discussão, sentimos a necessidade de fazer uma incursão na ideia de que o homem faz a sociedade e, de que, ao mesmo tempo, é feito por ela. Nesse parâmetro, indicaremos como pano de fundo a questão da formação do homem no processo educativo, não somente aquele que acontece nas instituições escolares, mas no contexto social.

O sujeito humano é aquele que apreende a realidade. Essa ação pode se realizar de várias formas, mas apresentaremos um viés pelo qual o ser humano apreende a realidade ao seu redor e a sistematiza racionalmente. Graças à capacidade racional, própria do ser humano, ele reelabora e reorganiza as informações advindas da circunstância e as estrutura de forma manifesta: escrita, oral, mímica, plástica etc. Assim, elabora a linguagem e, com isso, se faz humano.

Ao elaborar a linguagem, elabora, concomitantemente, a sociedade. O homem vive com os outros e juntos se humanizam. Assim sendo, ele se forma e se estabelece no social. Essa afirmação nos projeta em várias dimensões de análise. Uma dimensão é a vinculada à maneira pela qual o homem se comporta socialmente em um grupo vivendo pelo grupo, no grupo e para o grupo. Outra é a forma como ele age a partir da moral pessoal, interferindo na convivência com os outros. Outra, ainda, é o comportamento moral impresso na sua formação, no processo educacional.

O homem se estabelece enquanto ser existente, tendo contato com a realidade externa utilizando os órgãos dos sentidos. Por causa disso, ele age, no primeiro momento, como "... homem num mundo, numa circunstância interpretada, e passa a contar com os objetos que encontra, segundo a interpretação vigente" (HEGENBERG, 1973, p.21). É um ser inserido numa circunstância. Ele capta os elementos constituintes de uma realidade primária, ou seja, aquilo que se apresenta imediatamente aos sentidos. Tal realidade externa é introjetada em sua memória na forma de imagens. Depois de armazenadas tais imagens, ele as associa e

racionalmente elabora sentido e significado para elas e, conseqüentemente, surge daí a linguagem estruturada, com a qual ele se comunica. Isto é, há a exteriorização dessa experiência através da linguagem. Ela, a linguagem, "(...) é própria do homem não só porque ele possui além de outras faculdades, o poder de falar, mas, sobretudo porque tem um acesso ao ser" <sup>2</sup>. Segundo Garcia (1986, p.157/8), nestes termos:

a linguagem - seja oral ou escrita, seja mímica ou semafórica - é um sistema de símbolos, signos ou signos-símbolos, voluntariamente produzidos e convencionalmente aceitos, mediante o qual o homem se comunica com seus semelhantes, expressando suas ideias, sentimentos ou desejos.

A educação, em todos os seus sentidos, cultural, experiencial, acadêmico, dentre outros, tem um papel importante no que diz respeito à maneira de o ser humano se relacionar com os outros. Assim, uma das formas de introjetar no homem os elementos da realidade é por intermédio da linguagem na educação. A educação, além de proporcionar condições para o homem apreender os elementos que compõem o meio ao seu redor, viabiliza também a possibilidade de formação dos valores humanos essenciais. Segundo Weil (1993, p.47): "valor é uma variável da mente que faz com que o ser humano decida ou escolha se comportar numa determinada direção e dentro de determinada importância". O processo de formação desses valores é longo, e às vezes não definido antecipadamente. Para que isso aconteça globalmente, fazem-se necessários vários mecanismos e instituições, passando pela Família, pela Igreja, pelo Meio Social, pela Classe Social, pela Escola, enfim, por todos os órgãos em que se manifesta a linguagem. Todos esses elementos contribuem para a formação moral do homem.

A maneira pela qual o homem introjeta a realidade e se forma moralmente vai sendo definida pela estrutura de valores estabelecidos na sua história pessoal. Essa estrutura pode ser observada da seguinte maneira:

[...] do ponto de vista da linguagem comum, o que faz valor é aquilo com que se preza ou se rejeita uma coisa, pessoa ou idéia; do ponto de vista metafísico, valor é a característica que faz com que as coisas sejam dignas de serem apreciadas pela consciência ou pelo ser; do ponto de vista da moral, valor é a característica ou a distinção pela consciência moral do que é bem ou mal; do ponto de vista da lógica, valor é a característica do que está logicamente certo ou errado; do ponto de vista estético, o único valor é o belo ou o feio; do ponto de vista psicológico, o valor toma vários aspectos segundo o nível ou função que se considera: a) necessidades biológicas- o

<sup>2</sup> Newton Aquiles Von ZUBEN, prefácio da obra Estudos de Filosofia da Cultura, escrito por Regis de Morais.

homem dá valor à segurança, à sua proteção; à sua alimentação, b) necessidades afetivas - o valor é algo absoluto que faz com que coisas, pessoas ou idéias sejam agradáveis ou desagradáveis" (WEIL, 1993, p.46/7).

Tal estrutura vai se configurando através de várias interpretações ou vários pontos de vista. As normas são elaboradas sistemática ou assistematicamente, de forma implícita ou explícita. Ou seja, o que define tais condições é a ação e reação do indivíduo no meio social, sejam elas particulares ou coletivas. Já se definiu que o homem é um ser social e, para tanto, deve elaborar códigos de valores que facilitem a convivência, de preferência harmoniosa. Para isso, ele, o homem, precisa de normas que o orientem.

Nesse processo de socialização, as questões éticas podem oportunizar uma perspectiva de formação do cidadão. Essa formação pressupõe um aparato histórico, político e econômico, portanto social. Pelo fato de o homem estar inserido num contexto em que se manifestam todas essas dimensões, ele pode adquirir o *status* de cidadão com a relação humana estabelecida. Daí depreende-se que a cidadania deve ser o ponto de saída e o de chegada para a formação ética. E que a formação ética pressupõe uma cidadania comprometida. Obviamente que estamos falando da formação do professor que ensina e do aluno que aprende e leva esse conhecimento para sua vida cotidiana. Ambos têm um mundo fora da escola, mas que se manifesta diretamente no processo de ensinagem travado no recinto escolar. Assim sendo, professor e aluno podem viver uma cidadania sustentada nos aparatos éticos e morais.

As novas configurações sociais, influenciadas pela globalização, podem oferecer também oportunidades ao professor e ao aluno de discutir seus papéis de cidadãos. A globalização vem mostrar que os valores estão se modificando e, por essa razão, a humanidade está carente de outros paradigmas. Nesse sentido, as questões relacionadas à cidadania devem centrar-se nas questões que são articuladas entre a igualdade e a desigualdade, a identidade e a diferença, o consenso e o dissenso. As preocupações com as questões na formação do cidadão passam por esses vieses. O cidadão, nas situações sociais da América Latina, conforme foi apresentado, está numa interação complexa a partir dos componentes históricos, políticos, econômicos e culturais, principalmente porque não podemos olhar para a América Latina como centro do universo, mas visualizar que, nos tempos atuais, precisamos ampliar nossa percepção, inclusive do conceito de cidadão. Essa dimensão nos projeta para várias dimensões relacionadas com o passado e o futuro, com a

economia globalizada, com uma política que ultrapassa as fronteiras dos países, uma educação que está em crise porque, graças aos meios de comunicação tecnológicos, a informação é instantânea. Por essas razões, temos o dever de compreender que a moral ultrapassa as fronteiras culturais regionais chegando ao universal. Assim, a cidadania precisa ser também compreendida de maneira mais ampla, para atender às exigências dessa universalização de valores.

Outro aspecto importante para ser aventado como ponto de discussão é que o homem particular está nesse emaranhado de novos valores e, por essa razão, precisamos entendê-lo como ser social num sentido amplo, visto que os conceitos de sociedade também podem ser ampliados.

O homem se socializa através do convívio na família, na religião, na escola. É nessa última que ele entra em contato com uma forma estruturada de ideias a respeito dos valores humanos. Tais valores foram, são e serão registrados em cada período histórico. Falando de outra forma, o Espírito Humano é elaborado e refletido na realidade escolar. Nesse sentido, "o espírito humano cultiva ciência e arte; pratica atos de moralidade e de religião" (HESSEN, 1980, p.19).

As pessoas envolvidas com a escola são, de certa forma, responsáveis pela formação integral do educando. Verifica-se que a forma de comportamento travado entre essas pessoas carece de uma reformulação. Cada qual com seus valores pessoais e o grupo todo com os vários perfis morais estabelecem tal relacionamento. É justamente aí que está o grande problema: o que se pode valorar como certo ou errado? Qual o valor moral que serviria como parâmetro para o aluno, pessoalmente e enquanto fruto de várias relações antecedentes? Passa por essa ideia a preocupação que está sendo apresentada aqui.

Parece que uma forma de se estabelecer um parâmetro para o aluno e para os alunos está direcionada a um padrão humano de comportamento. Humano, não no sentido platônico, ou existencialista, ou teológico, mas, sobretudo, naquilo que faz do homem um ser de relações. "O homem não é uma coisa entre coisas ou formado por coisas (...) é uma qualidade, um modo de ser, experienciável, descritível, um feixe flácido de qualidades definidas" (BUBER, 1979, p.09). Para tanto, é necessário observar o homem todo e todos os homens nos aspectos: psicológico, social, político, moral, cultural, religioso e econômico. Somente assim um novo homem poderá surgir e renovar seu "eu" em função dos outros "eus". O homem está

sendo entendido como um ser que se constitui de sentimento, de desejos, de emoções, e que se socializa, utilizando a razão para elaborar cultura, construir valores e normas de conduta social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que o processo de ensino-aprendizagem é um processo de formação humana, e que essa atitude requer uma bagagem de informações, bem como um conjunto de valores pessoais interligando-se, esta reflexão remete-nos a algumas diretrizes básicas:

1 - que no relacionamento entre professor-aluno, seja viabilizada a experiência do aluno, encaminhando-o a posturas éticas, proporcionando-lhe uma humanização em detrimento da robotização;

2 - que o professor, no processo de sua formação, seja despertado à necessidade de valorização do Ser sobrepondo-se ao Ter;

3 - que a educação esteja sustentada na compreensão da interação e da reflexão crítica sobre os pressupostos humanos, no sentido do crescimento sadio, tanto do professor ensinante quanto do aluno ensinado;

4 - que as questões éticas sejam oportunidade de dimensionar a formação para a cidadania, não somente no aprendizado, mas na vida cotidiana dos envolvidos no ambiente escolar e social. A cidadania deve ser o ponto de saída e de chegada para a formação ética, tanto do professor que ensina quanto do aluno que aprende e leva esse conhecimento para sua vida cotidiana;

5 - que as novas configurações sociais, influenciadas pela globalização, centrem-se nas questões que são articuladas entre a igualdade e a desigualdade, a identidade e a diferença, o consenso e o dissenso;

6 - que o Espírito Ético esteja presente na vida e na atitude profissional do professor para sensibilizar seus alunos para as questões de retidão de caráter, de responsabilidade, de compromisso, de viabilização da presença dos valores essenciais ao homem.

Enfim, a preocupação com as questões na formação do cidadão passa por esses vieses. O cidadão, nas situações sociais, está numa interação complexa a partir dos componentes históricos, políticos, econômicos e culturais. O processo ensino-aprendizado deve servir ao

homem para que, dessa maneira, ele possa sistematizar suas experiências práticas e teóricas. Assim, o homem, inserido nesse processo, humaniza-se, humanizando as suas relações sociais.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. *A Condição humana*. Trad.de Roberto Raposo. R.J.: Foren- se/Salamandra/ São Paulo: EDUSP. 1981

ARISTÓTELES. *Ética a nicômaco*. Trad.de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Nova Cultura. 1987.( Coleção Os Pensadores )

CNBB-Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Ética, Pessoa e Sociedade*. São Paulo: Paulinas. 1993

CNBB-Conferência Nacional dos bispos do Brasil. (1982). *Puebla: III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*. Petrópolis: Vozes.

COMPARATO, F. K. *Ética: direito, moral e religião no mundo moderno*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

GARCIA.O.M. *Comunicação em prosa moderna: aprender a escrever, aprendendo a pensar*. 13. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 1986

GUSDORF, G. *Professores para quê?*. Trad. de Benard da Costa e Antonio Ramos Rosa. 4. ed. Lisboa-Portugal: Moraes. 1978

HEGENBERG, L. *Saber de e saber que: alicerces da racionalidade*. Petrópolis, Vozes, 2002.

HESSIN, J. *Filosofia dos valores*. tradução Prof. L. Cabral de Moncada. 5. ed. Coimbra-Portugal: Amênio Amado. 1980

LADRIÈRE, J. *Os desafios da racionalidade: O Desafio da Ciência e da Tecnologia às Culturas*. Tradução Hilton Japiassu. Petrópolis: Vozes. 1979

LYONS, D. *As regras morais e a ética*. Trad. Luis Alberto Peluso. Campinas: Papyrus, 1990.

MONDIN, J.B. *O homem quem é ele?: elementos de antropologia filosófica*. Trad. De R. Leal Ferreira e M.A.S. Ferrari, 11.ed. São Paulo: Paulus, 2003.



MORAIS, R. *Estudos de filosofia da cultura*. São Paulo: Loyola. 1992

RIOS, T.A. *Ética e competência*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994. (Questões de nossa época v.16).

VAZQUEZ, A. S. *Ética*. Trad. de João Dell'Anna. 9. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 2006.

ZAJKSZNAJDER, L. *Ética, estratégia e comunicação: na passagem da modernidade à pós-modernidade*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

WEIL, P. *A nova ética*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1993